

## Vorwort

*Lach, wenn es nicht zum Weinen reicht.*

Man hört häufig, dass die Portugiesen eher zurückhaltend und melancholisch sind, wobei der Fado und in seinem Gefolge die unvermeidliche Saudade gerne als Beweis angeführt werden. Abgesehen von der Tatsache, dass es nicht nur den traurigen und langsamen Fado in Moll gibt, sondern auch den flotten Fado in Dur, der das Publikum zum Mitklatschen herausfordert, gehen meine eigenen Erfahrungen in eine ganz andere Richtung. In Frankreich gibt es sogar einen Spruch, der besagt, dass die Portugiesen immer gut aufgelegt sind: *les Portugais toujours gais*. Natürlich gibt es auch in Portugal mürrische Einzelgänger, aber für die überwiegende Mehrheit der Portugiesen ist das gesellige Miteinander ein hohes Gut. Die Portugiesen essen und trinken gerne in froher Runde, unterhalten sich und erzählen sich Witze. Irgendwann hört man jemanden sagen «Kennste den schon?» und gleich erzählt man sich um die Wette die angeblich neusten Witze.

Heutzutage findet dieser Austausch von Witzen eher auf elektronischem Wege und länderübergreifend statt. Insofern lässt sich schwer sagen, welche der hier versammelten 151 Witze portugiesischen Ursprungs sind. Damit taugen sie noch weniger als die Sprichwörter dazu, auf einen bestimmten portugiesischen Nationalcharakter zu schließen. Aber gerade in Anbetracht der Tatsache, dass Portugal sich als «Land der sanften Sitten» versteht, hat es mich doch überrascht, auf so viel Grausamkeit zu stoßen, den sogenannten schwarzen Humor. Andererseits ist dieser schwarze Humor ein weiterer Beleg für den amoralischen Charakter des Witzes. Nach Friedrich Schlegel ist der Witz «eine Explosion von gebundenem Geist» (Lyceum, Fragment 90). Ein Witz, der sich lustig macht über bestimmte Altersgruppen (z.B. die Alten), Berufe (Ärzte), soziale Schichten (Arme) oder über geistig oder körperlich Behinderte, ist kein Zeichen von Charakterschwäche seines Autors oder Erzählers.

In diesem Zusammenhang ließen sich auch die Witze über Alentejaner zitieren, die den Part von Blödmännern übernehmen, so wie die Ostfriesen in Deutschland, die Polen in England ... und die Portugiesen selbst in Brasilien (dazu der Witz 121, aber auch die drei folgenden, in

## Prefácio

*O melhor é rirmos ... para não chorarmos.*

Há quem diga que os portugueses são um povo reticente e entristecido citando, à laia de prova, o fado e, na sua esteira, a inevitável saudade. Além do facto de não haver só o fado triste e lento em menor, mas também o fado corrido em maior, a um ritmo vivo, que incita o público a acompanhá-lo a bater palmas, as minhas experiências apontam na direção oposta. Em França – note-se a perceção tão díspar – até há um ditado que diz que os portugueses estão sempre bem-dispostos: *les Portugais toujours gais*. Claro, há sempre pessoas casmurras do tipo anacoreta, mas para a esmagadora maioria dos portugueses a companhia e o convívio são um bem sagrado. Em boa companhia, os portugueses gostam de comer e beber, de cavaquear ... e de contar anedotas. Assim, de repente, ouve-se alguém perguntar: «E esta?» E logo se contam, à desgarrada, as anedotas alegadamente mais recentes.

Hoje em dia, este intercâmbio de novas anedotas efetua-se mais por via eletrónica e a nível internacional. Por isso, não se pode dizer quais das 151 anedotas aqui reunidas são mesmo de origem lusa. E assim, ainda menos do que os provérbios, não servem para tirar conclusões quanto a uma determinada caracterização do povo português. Mas, apesar de Portugal se vangloriar de ser «um país de brandos costumes», admirei-me por encontrar tantos exemplos de crueldade, do chamado humor negro. Por outro lado, esse humor negro é mais um sinal do carácter amoral da anedota. Segundo Friedrich Schlegel, «a piada é a explosão do espírito preso» (Lyceum, fragmento 90). Quando ela fizer pouco de determinados grupos etários (p.ex. os velhos), profissionais (os médicos) e sociais (os pobres) ou de deficientes mentais ou físicos, isso não implica falta de carácter do seu autor ou contador.

Neste contexto podiam citar-se também as anedotas sobre alentejanos, que desempenham o papel do parvo, tal como os frísios orientais na Alemanha, os polacos na Inglaterra ... e os próprios portugueses no Brasil (veja a anedota 121, mas também as três seguintes, nas quais eles bem sabem «vingar-se»). A anedota pressupõe, portanto, uma certa anestesia moral. Quem levar uma anedota a sério, medindo-a pela bitola moral, corre o risco de regressar a tempos

denen sich die Portugiesen sehr wohl an den Brasilianern zu «rächen» wissen). Der Witz setzt also eine gewisse moralische Gefühllosigkeit voraus. Wer einen Witz ernst nimmt und ihn mit der moralischen Messlatte misst, kehrt gewissermaßen ins Mittelalter zurück, als Witze als Exempel in den Predigten von der Kanzel dienten.

Der Humanismus hat den Witz in seine Rechte als freies Spiel des Geistes wieder eingesetzt. Führende Figur bei der Wiederentdeckung des Witzes war der Florentiner Humanist Poggio Bracciolini in der Nachfolge von Ciceros Buch «De oratore», in dem Roms großer Schriftsteller und Politiker sich mit dem Witz und dem Humor nicht nur theoretisch auseinandersetzt, sondern auch gleich eine Reihe von Witzen liefert, die seine Theorien belegen. Ein halbes Jahrhundert nach Veröffentlichung meiner Doktorarbeit über die frühe Rezeption Poggio Bracciolinis und seines Buches «Liber facetiarum» («Buch der Fazetien») in Frankreich kehre ich mit dieser Sammlung von 151 portugiesischen Witzen sozusagen zu meinen Anfängen zurück. Lassen Sie sich nicht durch die Nummerierung verwirren: Die Nummer 1 umfasst 12 Kurzwitze zum Thema Schule. Dazu kommen noch einmal 139 einzelne Witze. Einige von ihnen stammen aus der Sammlung von Maria José Gomes, die in dem Verlag Papa-Letras erschienen ist («Livro das Anedotas do Zé»), die meisten jedoch wurden mir von portugiesischen Freunden zugetragen und erschienen bereits in den Publikationen der Portugiesisch-Hanseatischen Gesellschaft.

Es versteht sich von selbst, dass nicht alle Witze, die im intimen Freundeskreis zwanglos zum Besten gegeben werden, für einen Nachdruck geeignet sind und dass offen sexistische, fremdenfeindliche, rassistische oder vulgäre Witze sich einer Publikation entziehen. Was sich allerdings nicht umgehen ließ, sind die gelegentlich auftauchenden Schimpfwörter (mehr zu ihrem Stellenwert in dem Kapitel «Schimpf und Fluch auf Portugiesisch» in meinem Buch «Português, meu amor. Annäherungen an eine spröde Schöne», das 2015 ebenfalls im Schmetterling Verlag erschienen ist). Ich hoffe, dass diese Sammlung nicht nur dazu beiträgt, den Leser zu erheitern, sondern dass sie auch für den Portugiesischunterricht genutzt werden kann. Da sie in einem modernen Umgangsportugiesisch abgefasst ist, kann sie vor allem beim mündlichen Spracherwerb nützliche Dienste leisten.

medievais, quando as anedotas serviam de exemplo nos sermões que se ouviam no púlpito.

O Humanismo restituiu à anedota o seu direito como «jogo espiritual». A grande figura da redescoberta da anedota foi o humanista florentino Poggio Bracciolini, na senda do livro «De oratore» de Cícero, em que o grande escritor e político romano não só se debruça sobre a teoria da piada e do humor, como também fornece um amplo leque de anedotas para ilustrar as suas teorias. Meio século após a publicação da minha tese de doutoramento sobre o impacto de Poggio Bracciolini e do seu «Liber facetiarum» («Livro das Facécias») sobre a narrativa francesa, volto «à vaca fria», recolhendo 151 anedotas ou piadas. Não se deixem enganar pela numeração: o número 1 constitui um conjunto de 12 piadas curtas sobre alunos, seguido por mais 139 anedotas avulsas. Algumas são tiradas da coleção de José Maria Gomes, publicada pela editora Papa-Letras («O Mega Livro das Anedotas do Zé»), mas a maior parte foi-me comunicada por amigos portugueses e já foram publicadas nas revistas da Associação Luso-Hanseática.

É óbvio que nem todas as anedotas que se contam desinibidamente na intimidade de um convívio entre a malta, se prestam para serem publicadas preto no branco e que anedotas abertamente sexistas, xenófobas, racistas e ordinárias se excluem de qualquer publicação. Mas uma coisa a que não me poderia esquivar totalmente, são as pragas e maldições que aparecem de vez em quando (este aspeto da língua portuguesa é abordado no capítulo «Schimpf und Fluch auf Portugiesisch» no meu livro «Português, meu amor. Annäherungen an eine spröde Schöne», publicado em 2015, também pela editora Schmetterling). Espero que esta coleção de anedotas não só contribua para alegrar os leitores, mas que possa servir também para fins educativos, neste caso, para o ensino de Português. Como são escritas num Português contemporâneo e corrente, servem sobretudo para a aquisição de um melhor domínio da oralidade.